

Narciso e Narcose: burocracia, *low cost* e formato

Toda revolução evapora e deixa para trás apenas o limo de uma nova burocracia.

Franz Kafka

Dar início a uma pequena empresa, em grande parte dos países, representava assumir impostos e custos burocráticos equivalentes a mais de 50% das receitas. Esse nível de impostos e de custos burocráticos exigidos pelo Estados tornava praticamente impossível o surgimento de novas empresas com futuro duradouro.

Por outro lado, quando o Estado detectava

para obter fundos para o desenvolvimento social; os países no século XXI justificam dizendo se tratar de uma forma de obter fundos para o desenvolvimento.

Naturalmente, no início do século XXI a pressão fiscal funcionava apenas em relação às pequenas companhias, que não tinham recursos para burlar o Sistema.

Em muitos países, quando uma transação comercial não era concretizada por falta de pagamento, os impostos relativos a ela permaneciam obrigatórios, levando milhares de pequenas empresas à bancarrota. Por parte dos Estados, as autoridades justificavam com o argumento de que se a cobrança dos impostos não se concretizasse nessas situações, haveriam inúmeros casos de fraude. A relação entre cidadão e Estado deixou de ser caracterizada pela participação, e se transformou em contínua perseguição. Gradualmente, a antiga condição de cidadania foi se desintegrando.

Mas, não se assistiu a grandes protestos contra essa situação. Aparentemente, as pessoas estavam *entorpecidas*. Como Marshall McLuhan alertou, as palavras *narciso* e *narcose* possuem idêntica raiz etimológica, revelando uma profunda ligação entre ambas.

A palavra *narcose* deriva do Grego *narkê*, que indicava a ideia de falta de ar, de ligeira asfixia como quando estamos apaixonados. Por sua vez, aquele termo Grego lança as suas origens na partícula Indo Europeia **n* que era relacionada à *água*. Para os antigos povos Indo Europeus a ideia de negação estava implícita na experiência da escuridão das águas nocturnas. Negação do mundo concreto. Por isso, Narciso vê a sua própria imagem no reflexo sobre as águas escuras de um lago, e fica profundamente entorpecido, narcotizado por ela.

Daquela antiga raiz Indo Europeia **n* surgiram outras palavras, como *alma*, *animação*, *nó-os* – que

significa *mente* em Grego, *noite*, *nudez*, *Neptuno*, o Latim *nebula* que gerou a palavra *névoa*, o termo *novo* e, curiosamente, até mesmo a palavra *nome* entre outras. Expressões que guardam entre si uma antiga e misteriosa relação.

Cada uma manifestando um certo aspecto de negação: a alma nega o corpo; a mente, a matéria; a noite, o dia; o novo, o passado; e o nome destaca a pessoa ou a coisa de um todo.

Mesmo as palavras *não*, *negação* e *negócio* – que é a *negação do ócio* – surgem daquela antiga partícula Indo Europeia.

«O mito Grego de *Narciso* está directamente relacionado com um facto da experiência humana, como a palavra *Narciso* indica. Ela surge da palavra Grega *narcose*, ou entorpecimento. O jovem Narciso tomou por engano o seu próprio reflexo nas águas por outra pessoa. A sua extensão por espelhamento entorpeceu as suas percepções até ele se tornar no servomecanismo da sua própria

A história pela qual passou o compositor Francês revela várias faces do universo contemporâneo – a superficialidade dos dados, a incompetência dos seus operadores e a fragilidade de um sistema de vigilância extremamente volátil.

Fosse outra pessoa vítima de idêntica afirmação em maio de 1968 mas que não o famoso como Pierre Boulez, seguramente não teria a mesma sorte e estaria condenado uma injustiça ainda mais cruel.

E, se tivesse acontecido num outro país – pois a Suíça ainda era considerada um dos mais rigorosos e sérios países do mundo – o desastre certamente seria ainda mais avassalador.

Nos Estados Unidos, em 2006, cerca de sessenta milhões de pessoas perderam os seus empregos e outros cerca de sessenta milhões de pessoas começaram um novo trabalho, num ritmo que seria repetido anualmente – não ficando restrito à realidade Americana.

Aquela flutuação turbulenta da sociedade Americana representava mudança e novo emprego para cerca de 40% da população economicamente activa todos os anos!

Nunca existiu tanta mão de obra qualificada à disposição dos meios de produção e nunca o discurso político foi tão orientado para a formação profissional. Mas, centenas de milhares de arquitectos, engenheiros, médicos ou advogados se somavam ao grande e crescente volume de desempregados em todo o mundo, constituindo um gigantesco contingente de energia desperdiçada.

Até aos anos 1950, um aluno que tivesse uma boa avaliação durante a sua formação universitária era automaticamente contratado e tinha um futuro seguro e estável.

No início dos anos 2000, ouvi uma entrevista com um jovem tenista Espanhol. Perguntaram por que ele tinha abandonado os estudos. Ele

da antiga classe média – a *lealdade*.

Criticando as mudanças planetárias no final do século XX, George Soros dizia, no seu livro *The Crisis of Global Capitalism*, que «numa sociedade em que as relações estáveis sejam dominantes» as pessoas necessitam de ser honestas para ter sucesso. «Mas, quando se goza de liberdade total (...) a sociedade se torna instável».

Na verdade, não se trata de existir mais liberdade, mas sim de haver uma crescente regulação que, paradoxalmente, é fortemente instável. Tudo passou a ser regulado, mas nunca se sabe exactamente o que é o que, pois tudo muda constantemente.

A partir dos anos 1980, criou-se em praticamente todo o mundo a ideia de que surgia uma forte e irreversível onda de *desregulação* total, liberando todo o comércio, eliminando controles e barreiras de toda a natureza.

Robert Reich, antigo ministro do trabalho na presidência de Bill Clinton, explica como os *containers* acabaram por ser um dos elementos da transformação que conduziria ao *low cost*. «Os *containers* – caixas de aço com cerca de 6 a 12 metros de comprimento, capazes de transportar pesos superiores a 28 toneladas – existiam desde a metade dos anos cinquenta, mas não foram utilizados de maneira intensa até ao final da guerra do Vietname, na qual o exército Americano necessitava de um enorme sistema de distribuição para satisfazer os seus insaciáveis objectivos nas florestas do sudoeste Asiático. As tradicionais caixas de transporte eram demasiadamente pequenas e inseguras. Assim, a marinha criou um porto para *containers* na Baía de Cam Ranh, e os portos Americanos foram equipados para suportar os navios mercantes. Uma das imprevistas consequências foi a de incrementar as exportações Japonesas para os Estados Unidos. Para não voltar à América com os *containers* vazios, os expedidores se deram conta de que podiam fazer dinheiro

de uma perigosa ameaça para a diversidade dos media... De outro modo, teremos as corporações como controladores do fluxo de informação, que definirão o conteúdo das notícias para se ajustar às suas estratégias de marketing».

O antigo ciclo noticioso de vinte e quatro horas é substituído por um contínuo superficial, de baixa informação – idêntica *imagem* que caracteriza a sociedade *low power*.

Os editores de jornais, revistas ou televisão passaram a ser uma espécie de animadores de mercado, operando um intenso processo de colagem de informação recebida continuamente. O antigo controlo sobre quais as histórias que deveriam ou não ser publicadas praticamente deixou de fazer sentido.

Enquanto que os antigos meios de comunicação em massa – e em especial a televisão – tinham a capacidade de orientar a atenção de um grande número de pessoas para acontecimentos

individuais, a Internet fez exactamente o contrário.

Na mudança de uma lógica da concentração para outra, da dispersão, como é típico na Internet, surgiram centenas de canais de rádio e televisão a cabo e na rede, para não referir jornais e revistas *on line*, ou distribuídos gratuitamente a cada esquina nas cidades, notícias e informação nos telemóveis – conferindo àqueles antigos meios um desenho semelhante ao da Internet: grande quantidade de informação amplamente distribuída e acessível caoticamente.

Em 2005, Joël de Rosnay e Carlo Revelli criaram o jornal online *AgoraVox*, que é elaborado numa base colaborativa e é totalmente grátis. Menos de três anos depois do seu início, *AgoraVox* já tinha mais de um milhão e meio de visitantes por mês.

No centro desse processo, o fenómeno do *zapping* na televisão, com a sua natureza

fortemente não linear, foi gerado pela contaminação digital – a transformação de um antigo meio de comunicação pela emergência de um *híper meio*: os computadores pessoais em rede, um meio para a realização de todos os outros.

A ordem hierárquica que designava a antiga comunicação jornalística determinava o tipo, tamanho e localização de textos e imagens nos jornais e revistas, projectava o chamado *horário nobre* na televisão, orientava os noticiários televisivos numa ordem de natureza francamente hierárquica, e determinava, assim, o melhor *formato* para cada meio.

O ideal do *formato* é um produto da natureza de mão única dos meios de comunicação. Quando eles se tornam interactivos, como é o caso da Internet e do telefone, o *formato* simplesmente desaparece ou passa a segundo plano.

Com a gradual desintegração do *formato*, as figuras políticas se tornaram menos definidas

terceiro milénio – que, de forma reveladora, não contaram com praticamente qualquer movimento relevante de protesto popular.

Num contexto legal de contínua metamorfose, mergulhou-se no universo do “vale tudo”.

Assim, também se tornou praticamente impossível regular um sistema de tributação credível e os grandes conglomerados empresariais ficaram, na prática, isentos de impostos.

A grande corporação jornalística de Rupert Murdoch, por exemplo, que controlava a rede Americana *Fox* de televisão entre outras, pagava em 2003 apenas 6% de impostos em todo o mundo, e até o final de 1998 não pagou qualquer imposto sobre corporações na Grã Bretanha.

Uma tal isenção – que, embora legal, paradoxalmente contrariava na prática as determinações da lei – produziu uma forte degeneração da credibilidade do Estado.

an Economic Hit Man, descrevia, em 2007, o seu encontro com um alto funcionário do governo Brasileiro: «Ele veio explicar que no Brasil e em muitos outros países, a *corporatocracia* controla basicamente todos os partidos políticos. ‘Mesmo candidatos comunistas radicais que parecem se opor aos Estados Unidos estão comprometidos com Washington’».

Na verdade, em muitos países, até os tribunais e o poder legislativo passaram a ser controlados pelos interesses económicos liderados pelas grandes corporações, que simplesmente deixaram de ter uma nacionalidade, não mais sendo Americanas ou Europeias, e se espalharam pelo planeta transformando os Estados em extensões disfarçadas dos seus desígnios.

Por essa via, num universo *low cost*, não apenas boa parte das pessoas assumiu uma superficialidade à toda prova como tudo o que era de natureza política se tornou muito pouco credível.

Como se tratássemos de um notável paradoxo, outro curioso fenómeno se associou à desintegração da credibilidade do universo político: a burocracia.

Burocracia nada mais é que um instrumento de distribuição de riqueza por mão de obra não qualificada.

Numa sociedade com mais assimetria social e crescente riqueza, a burocracia parece ser uma consequência natural.

Um dos recursos dos Estados mais utilizados para conter ondas de recessão económica era o subsídio. Os subsídios criam espécies de suportes para um fluxo económico contínuo, relativamente invulnerável às dramáticas flutuações do mercado.

O subsídio apenas pode acontecer numa sociedade centralizada, tal como aconteceu com

O estabelecimento da estratégia de absorção de um grande número de pessoas pelo Estado – de forma directa ou indirecta – aconteceu, muitas vezes, com o recurso ao aumento da burocracia. Com ela foram surgindo todo o tipo de *facilitadores*, a baixo custo, espalhados por todo o lugar. Eram, em geral, grandes quantidades de pequenas taxas, muitas vezes consideradas *invisíveis*, e muita informação a ser preenchida.

Essa vigorosa onda de burocracia passou a afectar mais duramente os pequenos negócios e as famílias de classe média.

Até mesmo muitos fundos estruturais da *União Europeia* passaram a ser regidos pelos princípios da sociedade *low power*. Com o argumento de se evitar roubos, os fundos eram dados apenas depois dos projectos estarem concluídos ou significativamente avançados, beneficiando os Estados e as grandes empresas, e impossibilitando a activa participação de pessoas, famílias ou pequenos negócios.

E embora muitos dos formulários dessa nova burocracia fossem informatizados, eliminando na maior parte das vezes a necessidade de um intermediário humano, a sua crescente complexidade acabava por exigir um grande contingente de novos burocratas, directa ou indirectamente ligados ao Estado.

Na arquitectura, por exemplo, até ao meio do século XX, em muitos países, a aprovação de um projecto por parte das autoridades era praticamente automática. As pessoas se conheciam e a competência estava assegurada. Somente cinquenta anos mais tarde, não apenas não mais se conheciam os arquitectos, tamanha a sua quantidade, como a complexidade burocrática se tornou de tal dimensão que fez surgir um novo tipo de arquitecto – o especialista burocrático na aprovação por parte das autoridades da cidade.

O mesmo aconteceu em praticamente todas as outras actividades liberais.

No Direito, não raro, erros em detalhes processuais passaram a ser mais perigosos para uma condenação que uma fragilidade do mérito da causa.

Todo esse universo burocrático passou a implicar um crescimento tentacular do Estado – mesmo nos países onde havia uma tradição oposta a essa tendência.

Esse universo híper burocrático gerou uma explosão de associações de classe e uma crescente vigilância sobre qualquer movimento humano. Cada profissão passou a ser dividida em dezenas, senão em centenas – como é o caso da medicina e da engenharia – de especializações. Cada especialização passou a contar, muitas vezes, com uma associação profissional específica.

O valor de um profissional passou a ser estabelecido não pela obra realizada, mas pelo número de associações a que pertencia, isto é,

